

A construção de um ideal de “lar como refúgio” na mostra *CASACOR*¹ Paraná (2011-2020)

Cláudia Regina Hasegawa Zacar²

2.1 INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19 impactou a rotina e as relações de boa parte das pessoas com seus espaços domésticos. Tendo em vista a necessidade de isolamento social, muita gente passou a ficar mais tempo em casa e, com isso, proliferaram orientações relativas à decoração e à adequação dos espaços às demandas decorrentes do momento atípico. Nesse contexto, veículos de comunicação no Brasil colocaram em circulação diferentes textos e imagens em que a casa é apresentada como espaço de refúgio, proteção e conforto em tempos de incerteza.

O jornal paranaense *Gazeta do Povo*, por exemplo, publicou uma matéria em que se lê: “Conforto. Refúgio. Santuário. Estes são alguns dos substantivos que aparecem na extensa lista que define (ou que se passou a perseguir para que defina) a casa desde que a pandemia do novo coronavírus atingiu os quatro cantos do globo” (ABDALLA, 2020, não paginado). Em uma matéria veiculada na revista *Casa & Jardim*, argumenta-se que projetar a casa “é a mais autêntica forma de autocuidado”, e que a necessidade dessa prática se intensifica com a insegurança em relação ao ambiente externo (OLIVEIRA, 2020, não paginado). Já a revista *Vida Simples* conclui que “Criar um refúgio em nossas

1 A marca *CASACOR* é de propriedade exclusiva da *Abril*. A autora menciona a marca para fins de estudo e crítica. Todos os créditos relativos aos projetos e textos de apresentação dos ambientes foram incluídos, e todo o conteúdo apresentado é proveniente de materiais de ampla divulgação, conforme consta na lista de referências ao final do texto.

2 Professora Doutora, UFPR – Programa de Pós-graduação em Design, Curitiba, PR, Brasil. ORCID: 0000-0002-1756-2347.

casas [...] propõe transformá-las neste lugar seguro onde possamos mapear a rota de nossas vidas ajudando a fortalecer nossos ideais, além de nutrir nossa alma para nos preparar para esse novo mundo que vem chegando” (AZEVEDO, 2020, não paginado).³

Ainda que pesem as especificidades desse contexto recente, cabe notar que o ideal de “lar como refúgio” não é novo, sendo que sua disseminação pode ser associada à intensificação dos processos de industrialização que se deu entre os séculos XVIII e XIX. De lá para cá, esse constructo cultural vem sendo reproduzido, atualizado e transformado. Com base nessa premissa, tenho como objetivo discutir como um ideal de “lar como refúgio” vem sendo constituído no Paraná da última década, mediante a análise de discursos textuais e imagéticos divulgados pela *CASACOR* Paraná (CCPR).⁴

A CCPR é uma mostra de arquitetura, design e paisagismo que acontece na cidade de Curitiba desde 1994. Nela são anualmente apresentados projetos de profissionais locais, em espaços que simulam cômodos de uma moradia. Além do considerável número de pessoas que visitam a exposição, ela tem sido divulgada por meio de diferentes mídias. Todos os anos a organização da mostra edita uma revista impressa, e informações relativas a ela são veiculadas no website da marca *CASACOR*, pertencente ao grupo Abril, que tem também presença em redes sociais, como Facebook e Instagram. A mostra recebe ainda cobertura de periódicos especializados, bem como, de diferentes portais e blogs relacionados à decoração de interiores.

Conforme detalhado na próxima seção, as análises dos ambientes selecionados foram conduzidas a partir de uma abordagem interdisciplinar, considerando aportes teóricos e metodológicos dos estudos sobre a imagem e recorrendo a textos das disciplinas de história do design e história da arquitetura, bem como, ao estudo de culturas domésticas modernas. A partir dessas referências, apresento uma contextualização histórica da difusão da noção de “lar como refúgio” e de suas implicações para a decoração. Na sequência, traço uma apresentação sobre a CCPR, de forma a localizá-la no circuito mais amplo de produção, circulação e consumo associados ao design de interiores. Finalmente, analiso alguns dos ambientes expostos na mostra entre os anos de 2011 e 2020, considerando como neles tem sido constituído um ideal de espaço doméstico confortável, seguro e apartado das dificuldades e pressões da vida pública.

3 Ao estimularem a preocupação com a configuração dos espaços domésticos, essas publicações também podem ser entendidas como parte de um movimento de incentivo ao consumo que se mostrou efetivo no período. No caso do segmento de cama, mesa, banho e decoração houve um crescimento de 23,5% nas vendas do primeiro semestre de 2020 no país (HIRAI, 2020).

4 Este texto é um desdobramento de uma pesquisa mais ampla, focada em investigar estratégias de objetivação de feminilidades e masculinidades por meio do design de interiores no contexto do Paraná recente (ZACAR, 2018).

2.2 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Este capítulo apresenta análises de imagens e textos referentes a três ambientes expostos na CCPR: o “Atelier e Hobby da Dona de Casa”, exibido em 2011; o “Refúgio do enófilo”, apresentado em 2015; e o “Quarto meu refúgio”, de 2020. Foram utilizadas fontes vinculadas ao grupo Abril e à CASACOR, tanto em formato online (como o portal casa.com.br e o site da mostra) quanto impresso (como livros e anuários editados pela organização da mostra).

Os ambientes mencionados foram selecionados a partir de um levantamento dos espaços expostos na CCPR no recorte temporal estabelecido (2011-2020), considerando aqueles que continham em sua nomenclatura e/ou texto de apresentação alguma menção à ideia de “lar como refúgio”. Desse recorte, selecionei os ambientes a analisar tendo em vista seu ano de exibição, visando conferir certa distribuição temporal; e sua representatividade em termos de adequação ou tensionamento em relação a padrões observados no conjunto de ambientes enquadrados no tema.

Para guiar a análise das imagens utilizei um roteiro, organizado a partir do confronto com o material empírico e com base em estudos sobre a imagem. Para sua elaboração, foram utilizadas como referência as obras da pesquisadora Gillian Rose (2007), da historiadora Ana Maria Mauad (2005) e de Laurent Gervereau (2004), autor ligado à História Visual (ZACAR, 2018).

O roteiro foi organizado em duas partes, denominadas “Descrever” e “Relacionar”. A primeira é voltada para a descrição detalhada dos elementos presentes na imagem, abrangendo as características do espaço e dos artefatos representados (cores, formas e volumes). Inclui também um campo para a descrição das ações sugeridas, possibilitadas e/ou inibidas pelas materialidades representadas – considerando suas relações com o corpo, as funções práticas dos artefatos, o espaço disponível e o arranjo de artefatos no espaço (ZACAR, 2018).

A segunda parte do roteiro destina-se a facilitar a construção de significados possíveis para a imagem, a partir do estabelecimento de relações de intertextualidade com as outras imagens do recorte definido, com os textos que as acompanham e com o seu contexto de produção e circulação (ZACAR, 2018). As análises também foram informadas por textos ligados às disciplinas de história do design e história da arquitetura, bem como, ao estudo de culturas domésticas – com destaque para os trabalhos de Adrian Forty (2007), Penny Sparke (2008), Joanne Hollows (2008) e Vânia Carneiro de Carvalho (2008).

2.3 O IDEAL DE “LAR COMO REFÚGIO”

Como visto, um ideal de “lar como refúgio” seguro e confortável vem sendo acionado no Brasil recente, no contexto da pandemia de Covid-19. Entendo que esse ideal se trata de um construto cultural que, para ser mais bem compreendido, demanda retomar como a própria noção que temos de espaço doméstico foi historicamente constituída a partir da metáfora das “esferas separadas”.

Cabe lembrar que as casas, no período anterior à chamada revolução industrial, abrigavam boa parte da produção e do comércio. Eram, portanto, simultaneamente espaço de trabalho e de vida em família. Com a intensificação do processo de industrialização, porém, o trabalho assalariado passou a ser realizado prioritariamente fora das residências, nas indústrias, escritórios e espaços comerciais (FORTY, 2007; HOLLOWES, 2008). Essa mudança foi crucial para a ideia de distinção entre privado e público, que foi fortemente marcada pelo gênero – a esfera pública, relacionada à política, à produção e ao comércio foi definida como masculina, enquanto a esfera privada do lar foi instituída como domínio feminino, espaço de reprodução e de cuidado (SPARKE, 2008).

Essa divisão entre as esferas do público e do privado nunca foi absoluta, e entre elas sempre houve instabilidades, tensões e contradições. Mulheres da classe trabalhadora, por exemplo, não executavam somente o trabalho doméstico de suas casas, mas também trabalhavam em fábricas ou em outras residências. Mulheres burguesas também circulavam pela esfera pública, como consumidoras, em atividades de lazer, nas igrejas etc. Além disso, muitas famílias seguiram produzindo bens e prestando serviços no espaço da casa (HOLLOWES, 2008; SPARKE, 2008).

De qualquer maneira, a ideia dessa cisão se difundiu, e os significados associados ao público e ao privado foram estabelecidos a partir de uma diferenciação material entre os ambientes a eles correspondentes. A casa, agora entendida como espaço de descanso e refúgio da família em relação às pressões do meio exterior que rapidamente se transformava, passou a assumir uma decoração que visava torná-la agradável e relaxante. Dessa forma, foram incorporados elementos voltados ao conforto físico e visual, como assentos estofados, tecidos macios e adornos graciosos (CARVALHO, 2008; MALTA, 2011).

Naquele contexto, cabia às mulheres a configuração dos ambientes da casa. Assim, ao longo do século XIX surgiu uma série de publicações, como revistas e manuais, dedicadas a orientar o público feminino sobre o que consumir e o que fazer para tornar os interiores domésticos mais agradáveis. Esses impressos forneciam opções de decoração de acordo com o gosto burguês vigente, mas adaptáveis a diferentes condições financeiras (CARVALHO, 2008).

A existência dessas publicações evidencia que a configuração dos espaços domésticos, que demanda a aquisição, a produção, o arranjo e a manutenção de uma série

de artefatos a partir de prescrições específicas, não é tarefa simples e nem passiva. Hollows (2008) enfatiza como o espaço doméstico é um lugar de trabalho intenso (assalariado ou não), que envolve uma série de práticas e conhecimentos, e que produz uma série de significados. Esse trabalho tem sido historicamente marcado como feminino, e ainda hoje permanece, em grande parte do mundo e notadamente no Brasil, associado às mulheres.⁵

É relevante notar, porém, como a decoração dos ambientes domésticos, baseada na noção de “lar como refúgio”, tem atuado no sentido de ocultar ou apagar os vestígios do trabalho necessário para a sua manutenção. Carvalho (2008) cita, por exemplo, que a estratégia de utilizar toalhas, capas, cortinas e afins para esconder objetos mecânicos, relacionados ao trabalho doméstico e considerados “feios”, fazia parte de uma rotina voltada à construção do conforto visual em interiores domésticos burgueses novecentistas. Por meio desse tipo de estratégia, portanto, reforça-se a ideia de que a casa não é um espaço de produção, e assim se desvaloriza o trabalho realizado neste âmbito.

Dando um salto para os séculos xx e xxi, é notável a proliferação de mídias que têm objetivo mais ou menos similar àqueles dos manuais do século xix. São programas de televisão, revistas e veículos digitais que dão dicas e ideias sobre como decorar a casa, difundindo modos de vida específicos.⁶ Esse tipo de mídia, chamada por Hollows (2008) de “mídias de estilo de vida”, procura educar as pessoas com relação às práticas de consumo, guiando-as em um contexto em que a oferta de bens e serviços é cada vez maior.

2.4 A CASACOR

Dentre as mídias de estilo de vida que se expandiram nas últimas décadas, destaco aqui a *CASACOR*, uma mostra que guarda relação com exposições que emergiram nas primeiras décadas do século xx com o intuito de divulgar novidades tecnológicas e seduzir para o consumo. Esse consumo era direcionado não só a bens e a serviços, mas a ideias sobre o morar, mediante a simulação de espaços domésticos reais em ambientes decorados por profissionais.

5 Em 2019, 92% das mulheres e 78% dos homens afirmaram realizar afazeres domésticos no Brasil. As mulheres dedicaram às obrigações domésticas em média 21 horas semanais, enquanto os homens dispenderam 11 horas por semana neste tipo de atividade (GANDRA, 2020).

6 Considerando os títulos do mercado editorial, podemos citar publicações, como *Casa & Jardim* e *Casa Vogue*. Em relação à televisão, destacam-se programas, como *Decora* e *Casa Brasileira*, do canal *GNT*. Além disso, na internet proliferaram-se sites, blogs e fóruns relacionados ao tema, ampliando as discussões sobre projetos de interiores domésticos e dando visibilidade ao trabalho de profissionais nacionais e internacionais (ROSSETTI, 2014).

A título de exemplo, Sparke (2008) cita, considerando o contexto europeu, eventos como o britânico *Ideal Home Exhibition*, estabelecido pelo jornal *Daily Mail* antes da Primeira Guerra Mundial, e o *Salon des Arts Ménagers*, realizado anualmente em Paris desde a década de 1920. Como exemplos nacionais desse tipo de evento, pode-se mencionar a Exposição da casa modernista, realizada pelo arquiteto Gregori Warchavchik na casa que construiu no bairro Pacaembu, na São Paulo de 1930 (TEIXEIRA, 2011), e o Salão de Decoração e Arquitetura de Interiores, realizado pela primeira vez na década de 1960 no hotel Copacabana Palace (DANTAS, 2015).

A configuração da CASACOR guarda ainda relações com os espaços especializados na comercialização de móveis e artefatos de decoração. A diretora da CCPR, Marina Nessi (2013, p. 45), indica que a mostra “Iniciou sua trajetória como uma ‘exposição elegante de decoração’, quase uma extensão das lojas de móveis, objetos e revestimentos”. Essas lojas passaram a usar a estratégia de organizar produtos de forma a compor ambientes, sendo que os showrooms começaram a se popularizar no país a partir da década de 1950 (DANTAS, 2015).

A CASACOR surgiu em São Paulo, no ano de 1987, com o objetivo de aproximar o público consumidor de ambientes projetados por especialistas (CASACOR, 2006). Desde a sua primeira edição, a mostra cresceu significativamente por meio de um sistema de franquias, iniciado na década de 1990. Atualmente a marca CASACOR tem franquias em 21 cidades no Brasil e 6 em outros países das Américas (CASACOR, 2021). A primeira edição no Paraná ocorreu em 1994 e, desde então, a CCPR recebeu mais de 600 mil visitantes, expondo o trabalho de 801 profissionais em 1.232 ambientes (NESSI, 2021).

O público da CASACOR é formado principalmente por mulheres (75%) pertencentes às classes econômicas A (59%) e B (38%) (GRUPO ABRIL, 2017). Ainda assim, a mostra é apresentada como veículo voltado a “[...] democratizar a arquitetura e a decoração [...]” (CASA VOGUE, 2014). Nesses discursos, afirma-se ainda que “[a CASACOR] revelou que morar bem não é questão monetária, mas sim de cultura [...]” (CASA COR, 2006, p. 15).

Apesar de Nessi (2013, p. 19) apontar para uma seleção de “típicos exemplares da arquitetura paranaense” para sediar a mostra no estado, nota-se, porém, que os imóveis utilizados têm sido, em geral, aqueles que fazem parte da história de famílias abastadas da capital. Dentre as residências já ocupadas para a exposição, destaca-se o palacete do Batel (edições de 1995 e 1998), imóvel tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná em 1975; e a casa Agostinho Ermelino de Leão Filho (edição de 2001), que foi moradia do rico empresário ervateiro, cuja família fundou a empresa Matte Leão. Pela escolha desses locais, a organização do evento evidencia o público que pretende de fato atingir e o passado que procura privilegiar (ZACAR, 2018).

O recorte de classe também fica evidente no tipo de cômodo e estrutura geral de organização dos ambientes, que remete aos padrões adotados pela burguesia urbana no

Brasil do século XIX. Naquele período se popularizou o “morar à francesa”, que prevê a divisão da residência em três zonas distintas: áreas sociais, íntimas e de serviço (LEMONS, 1993). Essa configuração caracteriza a “casa moderna”, que transformou os interiores coloniais, adaptando-os ao novo modo de vida que vinha então se configurando com base em práticas de consumo privado voltadas à construção de distinções sociais de classe e de gênero (CARVALHO, 2008). Essa configuração é marcada pela total separação entre as áreas íntimas e de serviço, segregação que remonta também ao passado colonial, quando buscava-se isolar e preservar a família do contato com serviços da casa e de eventuais visitas de pessoas estranhas (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999).

Na CCPR, a presença de ambientes como “Salão Nobre de Jantar”, “Adega”, “Estar Íntimo de Inverno” e “Louçaria”, pouco usuais em moradias de famílias dos estratos sociais baixos e médios, explicitam seu direcionamento às camadas mais ricas da população. Além desse tipo de ambiente para uso comum, são também expostos cômodos para uso pessoal, configurando um tipo de moradia marcado pela alta especialização e pela individualização de ambientes, que são características das casas modernas.

Os espaços individualizados costumam receber nomes, como “Suíte do bebê”, “Banheiro do rapaz” e “Quarto da senhora”. Nota-se, com isso, que a mostra atua no sentido de direcionar o consumo a grupos específicos, caracterizados em termos de idade e de gênero. Esse direcionamento é materializado por meio do uso de determinadas cores, texturas, materiais e artefatos que constroem e marcam posições de sujeito específicas (ZACAR, 2018). A apresentação recorrente de espaços para uso individual reforça também o recorte de classe, uma vez que há 11,5 milhões de brasileiras/os morando em casas que abrigam mais de três pessoas por dormitório – situação mais usual entre pretas/os e mulheres que vivem com crianças (BARBON, 2020).

2.5 O IDEAL DE “LAR COMO REFÚGIO” NA CASACOR PARANÁ (2011-2020)

Um exemplo do alto grau de especialização e individualização de ambientes exibidos na CCPR é o “*Atelier e Hobby da Dona de Casa*”,⁷ apresentado em 2011 pela arquiteta Fernanda Rocha Loures Jung e pelo designer Guilherme Bez. Nele, a criatividade da usuária imaginada é associada à prática artística não profissional e ao fazer artesanal. É explicado no texto de apresentação desse ambiente que ele foi idealizado para “ser o refúgio da dona de casa contemporânea – onde ela pode se esquecer dos problemas e

7 A fotografia do ambiente pode ser acessada em: <https://casa.abril.com.br/wp-content/uploads/2016/11/galeria-imagens-casa-cor-parana-30.jpeg?quality=95&strip=info&w=500>.

relaxar, dando vazão à criatividade”, por meio de atividades como “costurar, desenhar ou pintar” (FREITAS; MOURA, 2011, não paginado).

A atividade privilegiada no design do ambiente foi a costura, fato evidenciado pelo uso de artefatos inerentes à prática como elementos de decoração. Dentre eles, destacam-se os carretéis de linhas coloridas, dispostos em um painel localizado parcialmente fora do quadro, à direita na imagem; e o painel de tecido estampado que reveste parte de uma estante, à esquerda. Esse painel lembra os padrões desenvolvidos por meio da técnica do patchwork, baseada na produção de grafismos mediante a costura de pedaços de tecidos com diferentes cores e/ou estampas.

O trabalho com têxteis remete aos hábitos de mulheres burguesas no século XIX, quando as artes decorativas, baseadas no fazer manual, foram muito difundidas. Essas práticas eram direcionadas à produção do lar, sendo que os artefatos confeccionados artesanalmente pelas mulheres serviam geralmente para adornar a casa, contribuindo, como visto, tanto para ampliar o conforto visual quanto para o ocultamento de vestígios do trabalho doméstico. O artesanato caseiro era também uma maneira de marcar a distância da dona de casa burguesa dos trabalhos domésticos braçais. Os trabalhos manuais eram ainda indicados para ocupar as horas ociosas e acalmar os espíritos das mulheres que permaneciam muito tempo dentro de casa (CARVALHO, 2008; MALTA, 2011).

No contexto da mostra nota-se que essas práticas não são vinculadas à necessidade de passar o tempo, mas à demanda por criar um distanciamento em relação às dificuldades do cotidiano – “esquecer dos problemas e relaxar” (FREITAS; MOURA, 2011, não paginado). Como argumenta Hollows (2008), o recente reavivar do interesse em práticas artesanais domésticas tradicionais, como o tricô e o bordado, pode ser visto como uma tentativa de estabelecer uma vivência temporal diferente nos lares contemporâneos. Seria, portanto, uma forma de combater a experiência de falta de tempo, por meio da dedicação a atividades demoradas e tidas como “não essenciais”. Essa dedicação, como forma de autoindulgência, permitiria a produção de uma sensação de maior autonomia temporal. Nessa perspectiva, os trabalhos manuais são ressignificados como lazer, associados à criação de um tempo e de um espaço para si.

Sendo assim, o “Atelier e Hobby da Dona de Casa”, ao mesmo tempo que reforça valores referentes à vinculação das mulheres com o espaço doméstico e com as atividades de produção do lar, pode ser também entendido como um lugar de autonomia, lazer e satisfação pessoal. Esses movimentos de continuidade e atualização de práticas historicamente tidas como femininas é materializado por duas máquinas de costura que se fazem presentes no ambiente – uma antiga, à direita e em primeiro plano; e uma atual, ao fundo, sobre a bancada de trabalho. A máquina em uso é a nova, representada com um tecido acoplado, como se estivesse sendo costurado. A máquina antiga permanece, porém, como evidência material do passado que se reinventa.

Outras estratégias para constituição do ideal de lar como espaço de proteção e conforto podem ser observadas no “Refúgio do Enófilo”,⁸ exposto pela designer de interiores Janaina Macedo na CCPR de 2015. O uso do termo “enófilo” remete ao apreço pelo vinho e ao domínio dos conhecimentos e práticas ritualizadas relativos ao seu consumo. Tornar-se um enófilo demanda tempo e disposição para a aprendizagem, além de dinheiro para adquirir bebidas e acessórios, frequentar cursos e degustações. Trata-se, portanto, de uma posição vinculada às camadas mais abastadas (GHILARDI-LUCENA, 2008; COSTA, 2011).

O recorte de classe é evidenciado na configuração do ambiente, que é amplo e luxuoso. O luxo é conferido por meio do uso de móveis clássicos e de peças de antiquário. Segundo Sudjic (2010), o uso de objetos antigos é uma estratégia recorrente na configuração de interiores luxuosos, sendo associados à ideia de tradição. Dentre as peças utilizadas no espaço encontram-se “um gramofone, um relógio de mesa e o lustre central em bronze maciço e alabastro esculpido” (ANDRADE, 2015, não paginado). Com relação ao último, é informado que seu preço era de 17 mil reais.

Já a expertise envolvida na prática e o apreço pela degustação da bebida se notam pela grande quantidade e forma de disposição das garrafas armazenadas em estantes dispostas simetricamente nas laterais do cômodo. Sua estrutura forma nichos em forma de losangos, permitindo que as garrafas sejam guardadas na posição horizontal, considerada ideal para evitar o ressecamento das rolhas. Ao lado dos nichos, nota-se em prateleiras de vidro uma série ordenada de taças com diferentes modelos, conforme indicadas para a “correta” apreciação dos diversos tipos de vinho.

Vale notar que na CCPR a maior parte dos ambientes relacionados ao consumo de álcool tem como temática o vinho (como aqueles denominados de “cave” ou “adega”), e o apreço pela bebida, quando há identificação de direcionamento, é vinculado às masculinidades (ZACAR, 2018). No ambiente em questão, esse vínculo é reforçado mediante a reprodução de padrões tidos como masculinos, como os tons escuros, a ampla utilização da madeira como revestimento e as texturas ásperas, como aquela da parede de pedras visível ao fundo (MANCUSO, 2002; GURGEL, 2013).

O uso do termo “refúgio” no nome desse ambiente alude à ideia de que os interiores domésticos operam como espaços de proteção em relação às pressões do mundo exterior, conforme anteriormente mencionado. Nesse caso, a sensação de distanciamento em relação ao exterior é produzida por meio do uso de pesadas cortinas de veludo.

8 A fotografia do ambiente pode ser acessada em: <https://casacor.abril.com.br/wp-content/uploads/sites/7/2016/12/42-refugio-do-enofilo-ambientes-atualizam-o-imovel-centenario-na-casa-cor-parana.jpeg?quality=90&strip=info&w=920>.

Os materiais rústicos, as cores escuras e a iluminação baixa foram utilizadas no cômodo visando “acentuar o clima intimista” (ANDRADE, 2015, não paginado).

A ideia de “refúgio” pode também ser conectada à constituição de um espaço masculino dentro da casa, âmbito historicamente marcado como feminino. Cria-se, assim, um reduto para o homem, que pode ali relaxar nos assentos estofados, apartado dos afazeres e da rotina doméstica.

Para finalizar, apresento um ambiente que foi exposto no projeto Janelas CASACOR, que ocorreu no ano de 2020 em 11 cidades brasileiras. Esse projeto surgiu diante da impossibilidade de realizar as exposições da forma usual, por causa da pandemia de Covid-19. A solução encontrada foi a instalação de contêineres em diferentes espaços públicos, dentro dos quais se apresentaram os ambientes decorados. Essa estratégia foi vinculada nos discursos do grupo CASACOR à democratização do acesso a reflexões e tendências sobre o morar (JANELAS CASACOR, 2020a).

Como visto, esse é um recurso comumente usado pela organização da mostra para sugerir o poder de difusão das ideias e valores que coloca em circulação, ainda que o evento permaneça, em grande medida, elitizado. No caso do projeto Janelas CASACOR, nota-se que no contexto paranaense os espaços públicos escolhidos para abrigar os contêineres foram dois shoppings localizados em áreas consideradas nobres da cidade, que reúnem lojas de marcas de luxo.⁹

O ambiente em questão é o “Quarto meu refúgio”,¹⁰ projetado pela arquiteta Viviane Tabalipa. Não fica explícito o direcionamento a um perfil de usuária/o específico nos textos relativos ao espaço, ainda que seu nome possa fazer pensar que a projetista realizou a decoração para si mesma (pelo uso do pronome possessivo em primeira pessoa do singular).

Observa-se que a decoração do cômodo recorre a padrões historicamente considerados femininos, como o uso de cores suaves (MANCUSO, 2002; GURGEL, 2013) e de elementos que remetem à natureza, notadamente vasos de plantas e quadros com imagens de pássaros e ramagens. Como argumenta Carvalho (2008), a associação entre feminilidade, domesticidade e natureza se deu na constituição das casas burguesas modernas por meio de uma cuidadosa seleção de formas suavizadas e estilizadas, de maneira a afastar a relação com um imaginário de natureza violenta e imprevisível.

Nessa perspectiva, destaca-se a aplicação de motivos florais, de representações de pássaros e ramagens, e de materiais, como seda e plumas. Além disso, era comum a

⁹ A saber: o Park Shopping Barigüi, localizado no bairro Mossunguê (também chamado Ecoville); e o Shopping Pátio Batel, situado em bairro homônimo.

¹⁰ A fotografia do ambiente pode ser acessada em: <https://edicao-2020.janelascasacor.com/wp-content/uploads/2020/11/Viviane-Tabalipa-Quarto-Meu-Refu%CC%81gio-3.jpg>.

referência a técnicas, como a renda e o bordado, cujo resultado era ligado à delicadeza do desenho dos vasos sanguíneos visíveis sob a fina pele das mãos femininas idealizadas como suas realizadoras (CARVALHO, 2008). Assim, nos interiores novecentistas a feminilidade era relacionada com o lado doce, decorativo e bucólico da natureza, de forma a construir um ideal de domesticidade pautado em noções de bom gosto, elegância, conforto, calma e estabilidade, em contraponto às rápidas transformações que vinham ocorrendo nas cidades (CARVALHO, 2008; KINCHIN, 1996).

Considerando um contexto mais recente, Valls (2015) argumenta que, a partir dos anos de 1970, a incorporação de referências à natureza em projetos de design está ligada à emergência de eventos, como a crise do petróleo e as mudanças climáticas. Para a historiadora, esse contexto se desdobra em duas tendências: uma que diz respeito à perspectiva ambientalista, preocupada com questões, como a exploração das matérias-primas; e outra vinculada à ideia de que seria possível reproduzir nos ambientes domésticos “um pedacinho do paraíso perdido” (VALLS, 2015, p. 411, tradução nossa). A essa última é associado o retorno do gosto pelas formas orgânicas e motivos naturais, cuja disseminação seria uma maneira de buscar uma reconciliação com o mundo exterior, percebido como hostil e inóspito.

Esse apreço pela inserção de elementos naturais na decoração tem sido retomado, nos últimos anos, por meio de tendências como a chamada “*urban jungle*” (em tradução livre, “selva urbana”), que envolve o amplo uso de plantas e de materiais como madeira e palha. Mídias de estilo de vida têm relacionado esse estilo decorativo a benefícios, como pureza do ar, boas energias, tranquilidade, alegria, produtividade, bem-estar e aconchego (FREITAS, 2020; HARADA, 2021).

No caso do “Quarto meu refúgio”, a presença de plantas foi conectada com a redução do estresse e da ansiedade. A decoração incorpora ainda materiais naturais, como madeira e palha, que supostamente “remetem ao aconchego” (JANELAS CASACOR, 2020b, não paginado). Destaca-se também o uso de têxteis e tramas que aludem a práticas artesanais tidas como femininas, como o tricô e o crochê que, como visto, têm ligação com a produção material do ideal de “lar como refúgio”.

Tendo em vista o contexto específico da pandemia de Covid-19, foi inserida no cômodo uma área para home-office, “para permitir que tarefas do trabalho possam ser realizadas em casa”. Cabe notar que, no período em questão, a possibilidade de trabalho remoto se mostrou restrita a uma parcela específica da população, em geral branca (65%) e com formação superior completa (76%) (GÓES, MARTINS, NASCIMENTO, 2021).

O texto de apresentação do ambiente destaca ainda o uso de “fotos de viagens, da família e momentos de alegria” na decoração (JANELAS CASACOR, 2020b, não paginado), o que faz pensar em uma possível carência em relação à convivência interpessoal e à livre circulação em espaços públicos, decorrentes do isolamento social. Nesse caso,

o uso do termo “refúgio” no nome dado ao ambiente pode ser tanto ligado à individualização e à privacidade vinculadas a cômodos de áreas íntimas dos interiores modernos, quanto à proteção em relação ao risco de contaminação pelo novo coronavírus.

2.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto, o ideal de “lar como refúgio” não é novo, mas remete aos interiores burgueses novecentistas e aparece de forma atualizada em ambientes expostos na CCPR. A partir das análises apresentadas, é possível argumentar que esse ideal permanece, no contexto do Paraná recente, associado à estratégia de utilizar a decoração de interiores de forma a criar uma sensação de bem-estar pautada no conforto visual, físico e mental. Ainda pensando nos vínculos com os interiores domésticos do século XIX, destaca-se a configuração de ambientes idealizados como apartados das pressões do mundo exterior, e palco para práticas de lazer, como degustar um vinho ou produzir algo com as mãos. Notamos ainda a permanência de relações entre o fazer manual e as feminilidades, ainda que os significados dessas práticas não sejam necessariamente os mesmos.

O contexto da pandemia de Covid-19, em que parte das pessoas ficou mais restrita ao espaço doméstico, parece trazer questões interessantes para se pensar a ideia de cisão entre público e privado que fundamenta o ideal de “lar como refúgio”. Se, por um lado, os riscos do mundo exterior reforçam a noção da casa como lugar seguro e abrigo em relação aos perigos de contaminação, por outro as fronteiras entre as esferas são borradas, por exemplo, pela realização de trabalho assalariado (e não de caráter doméstico) em casa.

Conforme procurei demonstrar, as formas de materializar o ideal de “lar como refúgio” precisam ser analisadas tomando classe e gênero como categorias centrais, uma vez que esse ideal se constitui em articulação com significados e valores relativos às masculinidades e às feminilidades, bem como, a certos padrões de moradia e de práticas sociais.

Considero ainda importante lembrar que o espaço doméstico é onde ocorre grande parte da violência contra as mulheres e os abusos infantis. É também onde as mulheres trabalham em média 21 horas semanais, dedicadas ao cozinhar, ao limpar e ao cuidar. Sendo assim, é relevante levar em conta que, apesar do desejo de que de fato todas e todos possam ter espaços de acolhimento, segurança e bem-estar, as vivências cotidianas no âmbito doméstico não necessariamente correspondem a esse ideal. Isso sugere tensões e potenciais contradições entre as propostas de design de interiores divulgadas por mídias de estilo de vida e as formas de morar cotidianas, que merecem ser investigadas.

Referências

- ABDALLA, Sharon. Como trazer memória afetiva para a decoração e fazer do lar um refúgio. *Gazeta do Povo*, 29 maio 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/haus/manifesto-haus/como-usar-memoria-afetiva-decoracao-lar-refugio/>. Acesso em: 10 dez. 2021.
- ANDRADE, Luciana. Casa Cor Paraná 2015: 50 ambientes atualizam o imóvel centenário. *Casa.com.br* [S.l.], 24 de jun. 2015. Disponível em: <https://casacor.abril.com.br/ambientes/casa-cor-parana-2015-50-ambientes-atualizam-o-imovel-centenario/>. Acesso em: 02 fev. 2022.
- AZEVEDO, Clô. Construindo o seu refúgio. *Vida Simples*, 2020. Disponível em: <https://vidasimples.co/colunistas/construindo-o-seu-refugio/>. Acesso em: 10 dez. 2021.
- BARBON, Júlia. 11,5 milhões de brasileiros moram em casas cheias em meio à pandemia de Covid-19. *Folha de São Paulo*, 28 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/03/115-milhoes-de-brasileiros-moram-em-casas-cheias-em-meio-a-pandemia-de-covid-19.shtml>. Acesso em: 13 dez. 2021.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material: São Paulo, 1870-1920*. São Paulo: EdUSP, 2008.
- CASA COR. *Estilo Paulista: Casa Cor São Paulo*. São Paulo: Casa Cor Promoções e Comercial Ltda., 2006.
- CASACOR. *Sobre*. 2021. Disponível em: <https://casacor.abril.com.br/sobre/>. Acesso em: 13 dez. 2021.
- CASA VOGUE. Os ambientes da Casa Cor 2014: Casa Vogue mostra highlights do evento. *Casa Vogue* [S.l.], 25 maio 2014. Disponível em: <http://casavogue.globo.com/Interiores/Ambientes/noticia/2014/05/os-ambientes-da-casa-cor-2014.html>. Acesso em: 25 ago. 2014.
- COSTA, Fernanda Melonio da. Vinho, consumo e sociedade: uma análise da coluna “Tintos & Brancos”. *Revista Ação Midiática*, v. 1, n. 1, Curitiba, 2011.
- DANTAS, Cristina. *Brasil porta adentro: uma visão histórica do design de interiores*. São Paulo: C4, 2015.
- FORTY, Adrian. *Objetos de desejo: design e sociedade desde 1750*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- FREITAS, Lucas Deoli. Urban jungle: 6 ambientes com plantas para se inspirar. *Casa Vogue*, 28 set. 2020. Disponível em: <https://casavogue.globo.com/Arquitetura/Paisagismo/noticia/2020/09/urban-jungle-6-ambientes-com-plantas-para-se-inspirar.html>. Acesso em: 21 jan. 2022.
- FREITAS, Viviane; MOURA, Alessandra. Casa Cor Paraná 2011: 55 fotos. *Casa.com.br* [S.l.], 29 nov. 2011. Disponível em: <http://casa.abril.com.br/materia/casa-cor-parana-2011-55-fotos>. Acesso em: 09 set. 2014.
- GANDRA, Alana. IBGE: mulher tem peso importante no chamado “trabalho invisível”. *Agência Brasil*, 4 jun. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-06/ibge-mulher-tem-peso-importante-no-chamado-trabalho-invisivel>. Acesso em: 21 jan. 2022.
- GERVEREAU, Laurent. *Ver, compreender, analisar as imagens*. Lisboa: Edições 70, 2004.

- GHILARDI-LUCENA, Maria Inês. Estudos do gênero masculino: homens em revistas de culinária. In: MARTINS, Moisés de Lemos; PINTO, Manuel (orgs.). *Comunicação e Cidadania*. Anais do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, set. 2007. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, 2008.
- GRUPO ABRIL. *Casa Cor Midia Kit 2017*. Abril: São Paulo, 2017.
- GURGEL, Miriam. *Projetando espaços: guia de arquitetura de interiores para áreas residenciais*. São Paulo: Senac São Paulo, 2013.
- HARADA, Ana. O que é Urban Jungle e como você pode ter o estilo em casa. *Casa.com.br*, 24 maio 2021. Disponível em: <https://casa.abril.com.br/jardins-e-hortas/o-que-e-urban-jungle-como-ter-estilo-em-casa/>. Acesso em: 21 jan. 2022.
- HIRAI, Marcos. A ressignificação do lar impulsiona o varejo de Casa e Decoração. *Mercado & Consumo*, 02 set. 2020. Disponível em: <https://mercadoeconsumo.com.br/2020/09/02/a-ressignificacao-do-lar-impulsiona-o-varejo-de-casa-e-decoracao/>. Acesso em: 10 dez. 2021.
- HOLLOWS, Joanne. *Domestic Cultures*. Berkshire: Open University Press, 2008.
- GÓES, Geraldo Sandoval; MARTINS, Felipe dos Santos; NASCIMENTO, José Antônio Sena. *Um panorama do trabalho remoto no Brasil e dos estados Brasileiros durante a pandemia da Covid-19*. Brasília: IPEA, 2021. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/211020_td_27700_v2.pdf. Acesso em: 25 jan. 2022.
- JANELAS CASACOR. *Janelas CASACOR: Sobre*. 2020a. Disponível em: <https://www.janelascasacor.com/sobre/>. Acesso em: 21 jan. 2022.
- JANELAS CASACOR. *Viviane Tabalipa: Quarto Meu Refúgio*. 2020b. Disponível em: <https://edicao-2020.janelascasacor.com/projeto/viviane-tabalipa/>. Acesso em: 21 jan. 2021.
- KINCHIN, Juliet. Interiors: nineteenth-century essays on the “masculine” and the “feminine” room. In: KIRKHAM, Pat (ed.). *The gendered object*. New York: Manchester University Press, 1996.
- LEMOES, Carlos Alberto Cerqueira. Transformações do espaço habitacional ocorridas na arquitetura brasileira do século XIX. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, Nova Série, n. 1, 1993.
- MALTA, Marize. *O olhar decorativo: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro*. Edição digital. Rio de Janeiro: Mauad X / Faperj, 2011.
- MANCUSO, Clarice. *Arquitetura de interiores e decoração: A arte de viver bem*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 133-174, jan.-jun. 2005.
- NESSI, Marina. *Estilo Curitiba: os 20 anos da Casa Cor Paraná*. Curitiba: Edição da autora, 2013.
- NESSI, Marina. Editorial. *Anuário CASACOR Paraná*, 2021. Disponível em: <https://casacor.abril.com.br/anuario-digital/anuario-casacor-parana-2021/>. Acesso em: 13 dez. 2021.
- OLIVEIRA, Julyana. Casa-refúgio: Conheça o conceito Chillhouse e saiba como aplicá-lo. *Casa e Jardim*, 17 mar. 2020. Disponível em: <https://revistacasaejardim.globo.com/Casa-e-Jardim/>

- Bem-Estar/Comportamento/noticia/2019/10/casa-refugio-conheca-o-conceito-chillhouse-e-saiba-como-aplica-lo.html. Acesso em: 10 dez. 2021.
- ROSE, Gillian. *Visual Methodologies: an introduction to the interpretation of visual materials*. London: Sage Publications, 2007.
- ROSSETTI, Eduardo Pierrotti. Morar brasileiro: Impressões e nexos atuais da casa e do espaço doméstico. *Arquitextos*, São Paulo, ano 15, jun. 2014. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.169/5220>. Acesso em: 12 jan. 2016.
- SPARKE, Penny. *The Modern Interior*. London: Reaktion Books, 2008.
- SUDJIC, Deyan. *A linguagem das coisas*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.
- TEIXEIRA, Glauco Honorio. *Interiores residenciais contemporâneos: transformações na atuação dos profissionais em Belo Horizonte*. 2011. 143f. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- VALLS, Isabel Campi. *El diseño de producto en el siglo xx: Un experimento narrativo occidental*. 2015. 665f. Tesis (Doctorado en Disseny i Imatge), Facultat de Belles Arts Sant Jordi, Universitat de Barcelona, Barcelona, 2015.
- VERÍSSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William Seba. *500 anos da casa no Brasil: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- ZACAR, Cláudia Regina Hasegawa. *O design de interiores como prótese de gênero: um estudo sobre a Casa Cor Paraná (1994-2017)*. 2018. 268 f. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) – Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2018.